

# CARTA DE D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL, AO REI D. FERNANDO II

Por Francisco Alberto Fortunato Queirós

## INTRODUÇÃO

1. A circunstância de ocorrer, em Dezembro de 1985, o primeiro centenário da morte de D. Fernando II leva-me à publicação deste estudo, muito embora o documento que lhe serve de suporte não seja de sua autoria mas apenas provocado por ele.

Com efeito, o escopo deste trabalho é revelar uma carta inédita de D. Pedro II, imperador do Brasil, dirigida a D. Fernando II, em resposta, aliás, a um diário de viagem que este lhe enviou

A missiva encontra-se nos Reservados Manuelinos do Arquivo do Paço Ducal de Vila Viçosa. Dei conhecimento integral do seu conteúdo aos Professores Veríssimo Serrão e Francisco da Gama Caeiro e, através destes meus ilustres Colegas e Amigos, aos Professores Marcello Caetano e Pedro Calmon. O grande historiador brasileiro reconheceu, apesar de ser o maior especialista sobre D. Pedro II, ignorar a existência deste documento—e, infelizmente, porque a morte o ceifou há pouco tempo, não teve a possibilidade de o ler na íntegra.

2. Considero errado, do ponto de vista da investigação histórica, sobrevalorizar um documento só porque é inédito.

Quero dizer que cada documento vale o que vale e que sobre ele se deve exercer uma crítica capaz de o seriar num conjunto de outros documentos e de extrair dele as confirmações, as informações ou as novidades que comporte.

Daí que não dê a esta epístola de Pedro II para D. Fernando II outra dimensão que não seja a de um documento que vem confirmar a afinidade cultural e artística destas duas figuras do século XIX, tão bem representada, aliás, na extensa bibliografia sobre cada uma delas e, principalmente, sobre o imperador do Brasil, pelo que nada de novo tenho a acrescentar ao já divulgado ao longo de mais de um século.

3. A carta de D. Pedro II é extensa, pessoal, íntima, e nela se descortinam a formação intelectual, o gosto pelas artes, as gratas recordações de um viajante incansável, mas pouco mais do que isso, a não ser aqui e além a confissão de um isolamento saudoso do velho mundo, da sua história, da sua riqueza artística, enfim, da sua intelectualidade.

O estilo é corrente, isto é, ao correr da pena, vulgar, despretencioso, por certo citando de memória pessoas e lugares, mas é isso tudo que dá um toque cativante de naturalidade e de intimidade à resposta ao texto de D. Fernando II.

Com efeito, e para o confirmar, basta extractar alguns pequenos passos da missiva imperial:

«O teu diário tem sido para mim grande consolo para a vida que levo (...) cada vez tenho mais saudades dos amigos ausentes ou dos que por suas ocupações não podem visitar-me senão de vez em quando».

«Entretanto vou vivendo de minha imaginação, e, como acertadamente dizes, *des ressources que l'on trouve en soi-même*».

«Muito mais teria que escrever, porque quando o faço a amigos, e só deixar correr a pena, que voa, para assim dizer, até onde elles pensão em mim».

«Peço-lhes que não leião estas paginas d'uma assentada, e as reservem para as horas que passarem juntos».

«Já olhei um pouco para a estátua da *Saudade*. Vocês sabem o que isto quer dizer. Adeus! Esta parte — assim não fosse só -às 3! Adeus!».

Estilisticamente, considero que um único período, nesta carta, tem algum recorte literário, qual é o que se refere à cartuxa de Grenoble:

«Mas desde que estive na pittoresca cartuxa de Grenoble erizada de penhascos cobertos de pinheiros ponteagudos, como os capuzes dos frades resando em voz soturna, sob abobedas apenas alumiadas, quasi que me apaixonei pela vida solitária».

Quanto a informações de carácter político apenas o seguinte:

«Como verão dos diários a situação política tem-me dado que pensar mas ainda mais a financeira que aliás tem sido muito exagerada por falta de exame e interesses partidários.

Espero que tudo melhorará brevemente, como as notícias do Norte são menos afflictivas. Peço-te que sempre que desejes formar tua opinião sobre qualquer successo de aqui me interrogues a tal respeito».

4. Sem ser relevante, estilística e politicamente, a epístola de D. Pedro II tem, no entanto, algum interesse no que concerne aos aspec-

tos culturais e à confirmação das informações carreadas por autores portugueses, brasileiros e outros acerca da personalidade do imperador.

Ao percorrermos, com cuidada leitura, este manuscrito, ressaltam, com frequência e tónica principal, nomes de lugares e de individualidades que se ligam ao inundo da cultura.

De Abu-Simbel ao Jardim da Aclimação ou à Biblioteca Albertina; do Conservatório de Música de Paris ao Escorial ou ao Palácio da Pena; de Augusto a Napoleão ou a Thiers; de Broca a Darwin e a Retzius; de Musset a Vitor Hugo ou de Alonso Cano a Bucher, Goya e Giotto; do Teatro de Vaudeville ao do Odéon ou do Gymnase — tudo aparece referenciado neste alarde de uma cultura multímoda, onde se misturam a Arqueologia, a História e a Ciência, a Música e o Teatro, a Pintura, a Arquitectura e a Escultura, a Literatura e a História Natural, e assim por diante.

5. Não foi fácil a leitura do manuscrito nem a identificação da listagem de nomes próprios que ele comporta e acerca dos quais, mau grado o esforço desenvolvido, ainda subsistem algumas dúvidas.

Penso, porém, que valeu a pena divulgar este documento e relacioná-lo com as homenagens que vão ser prestadas à memória de El-Rei D. Fernando, o Rei-Artista, tal como o imperador reconhece expressamente quando se lhe dirige nestes termos:

«Tens a grande felicidade do artista e só por modéstia duvidarias do bom êxito de tua pintura sobre porcelana apesar de ser com todas [as] côres».

Mas terá valido a pena, sobretudo se alguém, no Brasil, a partir desta pista, encontrar e divulgar, numa espécie de contrapartida, o diário de viagem de D. Fernando II...

## OS CORRESPONDENTES

### I

D. Pedro II era filho de D. Pedro de Alcântara (1.º do Brasil e 4.º de Portugal) e de D. Maria Leopoldina, Arquiduquesa de Áustria e filha do Imperador Francisco I.

Nasceu, no Rio de Janeiro, no Paço de S. Cristóvão, em 2 de Dezembro de 1825.

Imperador do Brasil em 7 de Abril de 1831, com apenas seis anos de idade e por abdicação de seu Pai, foi coroado, com antecipação de maioridade, em 18 de Julho de 1841

Em 1843, casou com a Princesa D. Teresa Cristina Maria de Bourbon.

Preocupado com os problemas sociais e culturais do seu país, a ele se deve, em grande parte, a abolição total da escravatura e a protecção às artes e letras brasileiras.

Deposto em 15 de Novembro de 1889, veio a morrer, passados dois anos, em Paris, com uma extrema dignidade, a 5 de Dezembro de 1891.

### II

D. Fernando II era filho do Príncipe Fernando Augusto de Saxe-Coburgo Gotha e da Princesa de Koary, Maria Antonieta Gabriela.

Nasceu, em Coburgo, a 29 de Outubro de 1816.

Em 1836, casou com D. Maria II, Rainha de Portugal,

Por Quatro vezes exerceu a regência do reino português; na menoridade de D. Pedro V e, após o falecimento deste, durante as ausências, no estrangeiro, de D. Luís.

Mais vocacionado para as artes do que para a política, dedicou-se à protecção e à colecção de Arte, foi pintor, desenhador, gravador e apaixonado praticante do canto e da música.

Casado, em segundas núpcias, com Elise Hensler, elevada a Condessa de Edla pelo Rei da Prússia, em Junho de 1869, veio a falecer em Lisboa, no Palácio das Necessidades, em 15 de Dezembro de 1885.

S(ufi) M(ajestade) Fidelíssima) El Rei D. Fernando

Meu Caro e prezado Irmão

Lisboa (\*)

Petropolis<sup>1</sup> 13 de Fevereiro de 1879

Fernando

Não é por esquecimento que só agora converso com Você a respeito de sua viagem. Quem me dera poder sempre disfarçar por esse modo tão longa separação! O teu diário tem sido para mim grande consolo para a vida que levo. Aqui mesmo tenho ás vezes de trabalhar 10 horas por dia, e á excepção dos passeios que ordinariamente não me distrahem senão durante 2 a 3 horas em cada dia é em mim próprio que adio variedade na vida. Em S. Christovão<sup>2</sup> como aqui poucos me interessarião por sua conversa, e cada vez tenho mais saudades dos amigos ausentes ou dos que por suas occupações não podem visitar-me senão de vez em quando. Mas vamos á conversa perto da mesa da sala ex-verde; e pensem [fl. l]no quanto lhes quero e soffro de só imaginar.

Julgas perfeitamente do Mendes Leal 3 de quem sou também amigo. Senti não poder conversar com elle mais tempo em Lisboa e em Paris mas é que me vejo obrigado a ser um pouco Judeu errante em quazi tudo, e por isso já te fallo da exposição egypcia. A arte antiga d'essa região possui mesmo esculpturas de verdadeiro mérito esthetico por exemplo a cabeça d'um dos colossos do grande templo de *Abu-Simbel*<sup>4</sup>, e e rosto encantador da mulher de Sesostris<sup>5</sup>; mas e o estudo d'essa historia misteriosa que muitíssimo me attrahe. Todavia ião-se-me os olhos no chamado túmulo dos Khalifas, e um d'elles sobretudo quisera poder tê-lo sobra a minha mesa d'escripta ao lado do Campanile de Giotto<sup>6</sup>, tanto os julgo maviosamente elegantes. Fazem contraste saliente com os bronzes [fl. 1v.] Chinezes e Japonezes cujo trabalho tecnico é com effeito notabilissimo. Alguns são completos destemperos de imaginação e eu olharia para elles como para as borraduras de Goya<sup>7</sup> a quem se pode com razão attribuir a paternidade de certos realistas. Porem é preciso exorcisar as *Margaritas* de Ennius<sup>8</sup> e o pintor do zimbório de Stº. António de la Florida em Madrid não dá trabalho em

(\*) A lãpis existe a seguinte nota:

«Resposta ao diário d'El Rei D. Fernando. Diário escripto para S(ua) M(ajestade) o Imperador do Brasil. (No fechamento do sobrescrito tem um selo de lacre preto com ar armas imperiais). Manuscrito existente nos *Reservados Manuelinos* da Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa.

<sup>1</sup> Petrópolis — cidade brasileira, antiga residência de verão da família imperial, nascida à volta de um palácio mandado construir pelo Imperador, cujo nome está na sua designação (cidade de Pedro).

<sup>2</sup> Paço de S. Christovão, local onde nasceu, no Rio de Janeiro, D. Pedro II.

<sup>3</sup> José da Silva Mendes Leal (1818-1886).

<sup>4</sup> Abu-Simbel, localidade do Alto Egipto, onde se situa o templo mandado erigir por Ramsés II, também conhecido na História por Sesoslrís.

<sup>5</sup> Vd nota anterior.

<sup>6</sup> Torre sineira, em Florença, da autoria de Giotto (Angiolotto di Bondone, chamado de Giotto e que viveu entre 1266 e 1336).

<sup>7</sup> Francisco Goya y Lucientes (1746-1828).

<sup>8</sup> Quintus Ennius (239-169 a C).

encontral-as. Los castellanos orgulhão-se justamente d'esse Artisla mas eu também havia de assamar-lhes o hiereguismo [?] como fizeste ae *hermano iberico*. Não sei porque não expo-zerão como a Suécia grupos de manequins trajados como homens do povo de algumas de suas providas que se tornão assim tão pittorescas. Conheço muito essa exposição desde Philadelphia tendo visto perfectissimos modelos nos museus etnológicos de Slockolmo e S. Peter-[fl. 2,-burgo. Mas este se assemelha muitas vezes ao realismo moderno, como se observa na galeria de M.me Tussaud<sup>9</sup> em Londres, e já me tarda voltar ao bello antigo. Em seu apreço revelão claramente os Parisienses que são os Athenienses da nossa epocha, também já não tem jardins novos como o de Versailles a respeito do qual penso inteiramente como tu, não me agradando lambem o aspecto geral do palácio. Ahi fui eu umas poucas de vezes nas minhas duas estadas em Paris; mas o meu jantar foi breve como sempre, porque nem sempre tenho Amigos como vocês para melhor saborear a canja ou o chá com as *turadinhas*. D'essa vez enquanto não chegava a hora da recepção na Prefeitura onde morava Thiers<sup>10</sup> creio que fiz minha *toilette* no boudoir de M.me Pompadour<sup>11</sup>. Que tris-[fl 2 v.]-te epocha essa em que até o *philosopho* rei da Prussia galanteou politicamente com a celebre Marqueza! Não sei onde era collocado o coração naquele tempo, e parece-me que tem a sociedade melhorado em relação à natureza d'esse sentimento. Então erão es pic-nics de outro género, e por isso fugitivas lembranças deixaram elles, o que não succede com os de Cintra e do Convento da Cortiça.

Gosto muito de divertimentos como esses, e, se Vocês forem de palavra, não faltarão aqui lindíssimos sitios para pic-nics. Que bellos bosques onde estritão [?] frescos e límpidos regatos. Que balanças naturaes de trepadeiras floridas!

Que bonitos pássaros! Só não apparecem moscas para armarmos uma discussão *darwiniana* que muito me faria rir. Não se fallaria bem entendido do massante Constan-[fl.3-tin Gomes e quando muito de Topinard<sup>12</sup> que eu vi diversas [vezes] assim como Broca<sup>13</sup>, por isso que são dous homens de sciencia, e dos principaes collaboradores da *Revue Anthropologique*.

Penso que nossa cara Elise<sup>14</sup> havia de fazer justiça a Darwin<sup>15</sup> se me ouvisse num d'esses pic-nics que só de fallar nelles me enchem a boca d'agua. Decerto que eu não deixaria de visitar frequentes vezes a collecção anthropologica, embora tivesse as de craneos do museu Broca, de Morton<sup>16</sup>, talvez ainda mais interessante na Universidade de Philadelphia e de Retzius<sup>17</sup> em Slockolmo. É estudo que muito me attrahe e ouço sempre que posso as conferencias de anthropologia no Museu do Rio.

O teu diário é uma encyclopedia e eis-me ás voltas com as plantinhas do Japão. Devem ser curiosas, mas nunca [fl. 3v.]dei muita attenção a cousas camafeus mesmo porque doem-me essas torturas. Prefiro como tu voltar minha vista ao longo dos gigantescos bambus. Há mui-

<sup>9</sup> Maria Tussand (1761-1850), proprietária de uma galeria de Arte em Londres.

<sup>10</sup> O Adolfo Thiers (1797-1877), estadista e historiador francês. Autor de *História da Revolução Francesa* e da *História do Consulado e do Império*.

<sup>11</sup> Antonieta Poisson, marquesa de Pompadour (1721-1764).

<sup>12</sup> Paulo Topinard (1830-1911), antropologista, discípulo de Broca.

<sup>13</sup> Paulo Broca (1824-1880), fundador da escola de Antropologia.

<sup>14</sup> Elisa Hensler (1836-1929), segunda esposa de D. Fernando II, condessa de Edla, título conferido pelo Rei da Prússia.

<sup>15</sup> Carlos Roberto Darwin (1809-1882), naturalista e fisiologista. autor de *Da origem das espécies por via de selecção natural*.

<sup>16</sup> Samuel Morton (1799-1851), autor de trabalhos notáveis de paleontologia.

<sup>17</sup> Anders Retzius (1796-1860), anatomista e antropologista sueco.

tas variedades d'esse elegantíssimo vegetal no jardim botânico do Rio lendo minha viagem ao Egypto sido causa da introdução de algumas d'ellas.

O viveiro d'aquelle jardim é um dos melhores que eu conheço devido isto sobretudo a meu ou antes a nosso amigo Bom Retiro<sup>18</sup>. Também sou apaixonado da cultura, mas por causa de minhas occupações muito platonicamente, e portanto conheço os estudos sobre es adubos artificiaes de G. Ville, que ouvi leccionar no Jardim-des-Plantes e não tenho por homem de critério scientifico, pensando assim muitos outros. Na vida vegetativa tambem há muitos argumentos a favor das doutrinas de Darwin que apezar de muitas diligencias não pude [fl. 4] encontrar. Desejava ouvi-lo mesmo para confirmar-me no que penso a respeito da exaggeração que lhe emprestão. Estas questões seduzem o espirito e se a sociedade se occupasse mais d'ellas bem como de outras análogas não teríamos tanto que ver no museu de Artilheria visitado por mim duas veies nos *Invalidas*.

Com effeito o primeiro manequim de soldado francez em antiguidade e do século IX, e de Carlos Magno, um dos maiores monarchas, se não o maior. São perfectissimos esses manequins, porem estando tão perto não me falias d'um dos monumentos de Paris de que mais gostei, o túmulo de Napoleão 1.º com a bellissima porta de cariatides que abre para a Igreja dos Marechaes de França. Que antithese sarcástica, [fl. 4 v.] Napoleão! *Napoléon de petit!* Tinha elle talento para o desenho? Que tal e a imitação de Boucher<sup>19</sup> bucólico pintor pelo encarcerado de Ham?<sup>20</sup> Mas ahi vem o gentil cãosinho fazerme festas. Como é esperto! Já o amimei, e elle deitou-se com o focinho estendido, mas com os olhinhos a faiscar, e sacudindo as orelhinhas felpudas, como se gostasse da conversa. Não deixa de ter sua relação com um cachorrinho todo delicadeza e sinceridade[?]a insigne actriz que se deve chamar Dona Sol principalmente depois de sua odysseia nebulosa. Vi-a no Passant em 1872 e da segunda vez ouvi-a recitar versos de Musset<sup>21</sup>. Tem talento; mas é quazi somente olhos e estes medrosos ás vezes revira-os de modo a quazi desaparecerem de todo. Vi uma escultura d'ella em que dizem—na estatua—ter tra-[fl.5]-balhado o cinzel de Dore<sup>22</sup>, e a narração d'um dos seus passeios aéreos fez-me ter pena da palha da cadeira se se assentasse nella. Hernani<sup>23</sup> sei-o quazi de cor e muitas outras obras litterarias de V. Hugo despertaram em mim o desejo de conhecê-lo. Um dos da sua roda que não O chamão senão *le maitre* contou minha visita muito inexactamente. Elle —*le maitre*— e que foi exagerado no modo porque me acolheu, mas o jantar foi muito agradável, e os netos são creanças lindíssimas e muito sympathicas. Mounet Sully<sup>24</sup> grita muito, porem ouvi-lhe recitar perfeitamente duas poesias.

Parece que é effeito do tablado porque não gostei d'elle na tragédia de Corneille<sup>25</sup> *Les Horaces*. Doña Sol devia talvez revirar de mais os bellos olhos no ultimo acto do drama com tudo as folhas francezas não fizeram senão elogial-a, e penso que ficaria [fl.5 v.] commovido assim como Vocês. Apezar de alguns julgarem-me phlegmatico, eu sei os abalos que muitas vezes sinto, e enthusiasmo-me com o que e belo com impressão profunda. Felizmente tenho

<sup>18</sup> Luís Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886), barão e visconde do Bom Retiro.

<sup>19</sup> Francisco Budicr (1703-1770), pintor preferido de Madame Pompadour. Um dos seus melhores quadros é «Vulcano apresentando a Vénus as armas de Eneias».

<sup>20</sup> Cidade francesa, no departamento do Somme, onde esteve encarcerado, de 1840 a 1846. Luís Napoleão, mais tarde Napoleão III.

<sup>21</sup> Alfredo de Musset (1810-1851).

<sup>22</sup> Gustavo Doré (1833-1883).

<sup>23</sup> Drama em cinco actos e em verso, cuja primeira representação se fez em Paris, em 12 de Fevereiro de 1830; foi seu autor Vitor Hugo (1802-1885),

<sup>24</sup> João Mounet-Sully (1841-1916), artista dramático francês.

<sup>25</sup> Pedro Corneille (1606-1634), o pai da tragédia francesa e autor, entre outras obras, de «Cid» e de «Horácios».

fortes ocupações para meu espírito e expondo-me muitas vezes na contemplação da natureza menos viva sendo um de meus prazeres em Paris percorrer seus jardins de tão bom gosto.

O parque Morceau, apesar das suas ruínas fingidas, é lindo, e ficava perto da casa de meu ou antes nosso Amigo Nevac[?] — o passeio público do Rio assemelha-se — mas também gostava do jardim do Luxemburgo, com a bella galeria de bellas-artes ao pé, e sobretudo do das *Plantas e de Acclimação*.

Ia quase sempre só para melhor identificar-me para assim dizer com as bellas plantas que me rodeavam, e se encontrava algum conhecido aquém tivesse afeição trocávamos nossas impres-[fl.6]-sões. Quando nos chega de longe um amigo então nosso sentir é immenso, e comprehendendo como Elise devia preferir a conversa de Appleton à musica do estimavel maestro Lucantoni. O Appleton que eu conheço e o cunhado de meu amigo Longfellow<sup>26</sup>. Será esse que esperas vêr em Lisboa? Elle que te conte minha despedida em Newport!

Como todos os teus dias de Paris foram bem empregados! Também em Lisboa ou na Pena<sup>27</sup> não te aborreces. Tens a grande felicidade do artista e só por modéstia duvidarias do bom exito de tua pintura sobre porcelana apesar de ser com todas [as] cores. Em todo o caso ha grande prazer nesses trabalhos que descansão o espírito sem contudo deixar de interessar-lhe, e se de noite para melhor dormirmos podemos assistir a uma comedia chistosa [fl. 6 v.] é ouro sobre azul. O bom do general Pinto acha provavelmente que era melhor ver se adivinhava em sonho o *intricadissimo enredo* da peça do Vaudeville. Parece-me que o estou observando mas como é carola — lambem se usa por lá d'esse termo para significar amigo de festas de igreja? — havia de ficar inteiramente satisfeito com o modo por que se faz o serviço religioso em Paris. Eu ouvia quazi sempre missa na Madeleine — gostas d'esse templo grego? — e sou da tua opinião. Só não approvo a quête com o suíço a batter com o bastão no chão e no momento mais solemne da missa, assim como a paga das cadeiras. A verdadeira musica sacra agrada-me muito e quem me dera ouvir e tomar a ouvir o Stabat de Pergolese<sup>28</sup> assim como o de Rossini<sup>29</sup> que não me parece tão sublime embora eu seja rossiniano como tu. É musica [fl.7] que nos purifica, para assim dizer, os da seita—nunca a chamarei escola — de Offenbach,<sup>30</sup> Lecocq<sup>31</sup>, etc. Mendelsohn<sup>32</sup>, sim, era judeu para ouvidos de christãos de gosto apurado. Conheço muito a marcha nupcial do *Sonho d'uma noite de verão* tendo a ouvido primorosamente executada no Conservatório de Musica de Paris. Essa musica é como a de Orpheu capaz de arrastar até arvores e fazer os siluros pular de enthusiasmo. Encontrei estes meus conhecidos em alguns dos aquários que visitei, sendo o de Berlim muito interessante, mas o de Brighton melhor construido, e o de Napoles disposto para o estudo. Conheces os peixes que andão tempo em tetra e até sobem a arvores baixas? A historia natural é grande atractivo para quem não é victima da velocidade do tempo e a

<sup>26</sup> Henri Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta americano, professor em Haward e Cambridge. Casou, em 1843, com Francês Elizabeth Appleton.

<sup>27</sup> Castelo da Pena (Sintra), mandado edificar por D. Fernando II e contruido pelo barão de Eschewege entre 1840 e 1850.

<sup>28</sup> João Baptista Pergolese (1710-1736), celebre compositor da obra religiosa «Stabat Mater».

<sup>29</sup> Joaquim António Rossini (1792-1868), compositor italiano nascido em Pesaro, autor, entre outras obras célebres, de «Otelo», o «Barbeiro de Sevilha», «Moisés» e «Guilherme Tell».

<sup>30</sup> Jacques Offenbach (1819-1880), compositor nascido em Colónia mas naturalizado francês. Autor de «A bela Helena», «Orfeu nos infernos», a «Grã-Duquesa» e «Barba Azul».

<sup>31</sup> Carlos Lccocq (1832-1918), compositor francês, autor de «Filha de Madame Augot «Giroflé-firofla». etc.

<sup>32</sup> Felix Mendelsohn — Bartholdy (1809-1847), célebre compositor alemão, autor de «Sonho de uma noite de verão».

exposição florestal compreendendo os [fl. 7 v.] insectos utéis e nocivos devia necessariamente chamar a tua attenção mesmo que não fosse para fallar-me do que visitei. A nossa cara Elise parece que tinha ciúmes do tempo que me davas da tua vida durante a viagem, ou então remorsinho de nada me ter escripto de suas impressões ao observar tantas e tantas cousas. Não haveria duplicata pois nem todos fazem as mesmas apreciações; mas lhe dei a minha absolvição à vista de suas ultimas cartas. No museu da repartição de agricultura em Washington examinei uma collecção semelhante d'insectos, assim como de fructas artificaes tão bem feitas que tive quasi vontade de trincar algumas d'ellas indigenas do Brazil. Como a Elise poderia conversar commigo sobre essa colecções mais do gosto do seu [fl. 8] sexo! E Ella que é tão artista! Que bellas descripções me faria d'esses bordados tártaros e tapeçarias orientaes! Muito admirei nesse genero na feira de Novagorod — que cidade bem situada dominando o Volga essa aorta da Ásia! — e em Brasso com a sua mesquita verde esmaltado — que te havia de encantar. Nisso são os orientaes grandes artistas mas assim mesmo prefiro os typos artísticos do Occidente, e na plástica os que mais s'inspirão no sentimento hellenico. Todavia ha muito estudo da natureza nos animaes, sobretudo de Barye<sup>33</sup> não podendo eu perdoar a Fremiet<sup>34</sup> a estatua de Joanna d'Arc que está numa das praças de Paris onde se diz que ella foi ferida no attaque d'essa cidade assenhoreada pelos ingleses. Não sei se tenho razão no que digo, e apello para [fl. 8 v.] teu critério artístico que parece-me julgar tão acertadamente das miniaturas a óleo de Meissonier<sup>35</sup>. Se visses o retrato que elle fez d'A. Dumas filho<sup>36</sup> e expoz no *salon* de 1877! Essa gente não me [faz] apaixonado da escola de pintura franceza que raras vezes apresenta trabalhos de *source*, como dizem os compatriotas d'eesses pintores. Vamos antes passeiar no jardim de aclimação onde tudo me interessava e paremos adiante do bellissimo phaisão — lady Amherst<sup>37</sup> a que tão bem assenta esse nome mesmo por seu garbo e brilhante toilette. Mas com que prazer descubro a capivara — nome guarany que significa *comedor de ervas* — tão abundante nalguns rios do Brazil. É um bom tiro e tem sabor de porco. Porem esta resposta vahe-se [fl. 9] tornando um Kalesdoscopio a similhante d'essas peças espectaculares como a denominada *Le tour da monde*, etc. Com effeito é para se olhar uma só vez e lembrou-me em Bruxellas onde tive de atura-la pela primeira vez — aqui já a vi também pela curiosidade da comparação da mise en scène, e talvez andasse melhor que lá — uma peça análoga a que assisti em S. Francisco onde havia todos os géneros de locomoção e de bulha possíveis, até a explosão d'um vapor navegando o Mississippi. Estas que chamarei *dramalhões* são próprias do theatro do Pare S. Martin onde vi uma scena d'uma caçada de lobos e sealeas (traîneaux) puxados por matilhas de cães. Que matínada! E durou a brincadeira até 1 h da noite! Mas em Paris ha os excellentes theatros [fl. 9 v.] *des Français*, de l'*Odéon* e do *Cynmase* sobretudo quando vivia Desclée que ainda vi na *Princesa Georges*. Infelizmente não representava então [ilegível], papel escripto para ella. Que actriz! Croisette está a perder de vista de Desclée. Aquella até ia ficando muito gorda, mesmo ordinariamente, e, como disse com bastante graça o Marquez Molins — com quem me dei em Madrid e em Paris — Croisette quedase un poço estropiada — creio que depois de deixar *le premicr arrondissement*. Só conheci esse calenbourg por uma folha de Paris que aliás annunciava estar ella então no second *arrondissement* — nuevo estropiamertto! O nosso

<sup>33</sup> António Luís Barye (1795-1875), escultor e animalista francês.

<sup>34</sup> Emmanuel Frémiet (1824-1910), escultor francês, autor, por exemplo, de uma estatua de Joana d'Arc, em 1874.

<sup>35</sup> Ernesto Meissonier (1815-1891), celebre pintor francês.

<sup>36</sup> Alexandre Dumas Filho (1824-1895), autor de «A dama das Camélias» «Denise», «Pai pobre», etc.

<sup>37</sup> Lady Amherst, raça de pavões.

Joinville 38, que é um excelente e agradabilíssimo amigo sabe muitas d'essas historias e é um Parisiense às direitas. Que bontitos desenhos não faz elle em suas viagens! Pela Antonia<sup>39</sup> sei que tambem os trouxes-[fl.10]-te espirituosissimos, e quando virás mostrar-m'-os? Não me andes assim a fugir, se não é para a mais agradável das surpresas, e crê que mesmo por ter a perspicácia da amizade não sou tão innocente que até parece duvidar de que eu saiba o que é *maquillage*. Nem mesmo em retratos o supporto, e quero rosto que me mostre suas verdadeiras cores como aprecio um coração tal qual o de *Mignon*<sup>40</sup> embora me sorria dos sapatinhos de *Filipe*. Li e reli *Wilhelm Meister* e talvez por isso gostei mais do que tu da opera d'Ambroise Thomas, que conversa com muito espirito sobre musica. Foi em Stockolmo que ouvi pela única vez *Mignon*. A Nilson enrouqueceu infelizmente quando eu estive na Suécia; mas ouvi[-a] em Othelo<sup>41</sup> e sobretudo no *Fausto* de Gounod<sup>42</sup> em Londres. Só em Junho [fl. 10 v.] lerei opera no Rio e que boa occasião para vir meu genro Augusto<sup>43</sup> com mais outros! Gosto muito de seu character e génio e tomara abraçal-o.

Vejo que não perdia concertos em Paris e tinha razão sobretudo quando se tocavam musicas como a symphonia de Garriladoni[?] de tão natural belleza que as podia compor o maestro enquanto se cosia um prato de arroz. Pouco antes da sua morte enviei-lho eu excellent café em linda caixa de madeira do Brazil em reconhecimento a informações sobre suas relações artísticas com meu Pae em Paris, e mostrando-lhe desejos de alguma ária do *café*, mas elle certamente bebeu-o como talvez jamais o saboreasse e continuou a passar a vida de *flaneur*. Não sei se a viuva que até vendeu [fl.11] um utensílio bem pouco poético do *cysne* de Pesara<sup>44</sup> poz em leilão igualmente a caixa que era deveras bonita.

Li artigos sobre a exposição de cavallos creio que na *esplanade des Invalides* e portanto parece que também admiro esses úteis e briosos animaes interessando-me principalmente os que servem para a agricultura, e, em geral, para tiro. No Egypto visitei uma estrebaria de 50 a 60 cavallos árabes cada qual mais bello, e gastei algumas horas [a ver] os que estavam a alcançar prêmio juncto a *Alexandra-Palace* perto de Londres. Nas exposições de animaes de Wolverhampton e de Liverpool também os vi dignos dos primeiros parando bastante tempo adiante de soberbos ginetes ou magestosos bois. Há a 10 le-[fl.11v.]-goas do Rio uma fazenda da Coroa onde durante minha meninice principalmente presenciei commoventes scenas campestres como a lucta de dous touros possantes. Também já atravessei duas vezes os campos da provincia criadeira do Rio-Grande-do-Sul. Não gosto de corridas porque ha muitas vezes desastres, não aproveitão à industria alem dos rios de dinheiro que despejão no jogo das apostas. Aqui no Brazil já houve um ou dous exemplos de bestas proliferas. As zebras do jardim d'Acclimação vi-as eu muitas puxando uma carroça e admira como puderão domes-

<sup>38</sup> Francois Ferdinand Philippe d'Orleans, príncipe de Joinville (1818-1900).

<sup>39</sup> Refere-se, provavelmente, a D. Antónia, infanta de Portugal, filha de D. Maria II e de D. Fernando II. Nascida em Lisboa, a 17 de Fevereiro de 1845, casou a 12 de Dezembro de 1861, com o Príncipe de Hohenzollern, Leopoldo Estevão, e faleceu em Sigmaringen a 27 de Dezembro de 1913.

<sup>40</sup> *Mignon* é personagem comovente de um romance do Goethe (1749-1832), no romance «Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister» e o nome de uma peça musical de Ambroise Thomas (1811-1896) que também compôs «Caid», «Hamlet» e «Sonho de uma noite de verão».

<sup>41</sup> Música de Rossini (1816) e de Verdi (1837).

<sup>42</sup> Carlos Gounod (1818-1893), compositor francês, autor de «Rainha de Sabá», «Fausto», «Romeu e Julieta», etc..

<sup>43</sup> Refere-se a D. Augusto, Príncipe e Duque de Saxe-Coburgo-Gotha (1845-1907), casado, em 1864, com a Princesa Leopoldina (1847-1871), filha de D. Pedro II.

<sup>44</sup> Pesaro é a terra de naturalidade de Rossini, a quem o imperador chamava o «*cysne* de Pesaro».

ticar ate esse animal tão arisco. Já tive uma zebra na minha cavallariça mas era somente curiosidade. Passar agora para gravuras é um salto que nem seloras dão mas este mudar desceria muito me entrem e se não te aborrece [fl. 12] como *Le tour du monde*, etc. continuarei fallando-te das que existem na bibliotheca nacional do Rio, e são de bastante mérito artístico. Não tinha ideia d'esta collecção do duque de Alba que julgo ser o cunhado [da] ex-imperatriz Eugenia <sup>45</sup>, e só visitei com muito interesse as bellas collecções da bibliotheca nacional de Paris, e a Albertina de Vienna. alem de outras menos importantes. Quando ia vel-as, ia só; porque meus companheiros queixavão-se de que eu me esquecia horas e horas nestas visitas. Como é bom vel-as bem o sei eu. Venhão, que também aqui há salão ex-verde e chá com saborosas torradas.

Em Paris ha tantos theatros que até sem querer vamos a elles, como me aconteceu na minha primeira viagem que ao sahir do *Conservatoire*-[fl. 12 v.]-*des-Arts-et-Métiers* entrei no Gaité e quazi nada vi encafuado numa *baignoire* d'uma peça de moda em que havia uma scena onde um bando de *sylpides* nem todas impoderaveis porem todas mais ou menos diaphanas na sua toilette pendião de arvores como fructos em posições estudadas *pour l'agrement de parterre*. Agora me recordo que era *le roi Carotte*. Que titulo! Não fiquei até ao fim.

Nesse theatro ha taes peças *trop gaies*. O *Orphée aux enfers* só o ouvi porque não havia outra representação num theatrinho de Carlsbad. Cantavão em allemão e representavão não sei de que modo. Ha contradansas tiradas d'essa *obra-prima offenbackiana* que convi-dão a dansar por sua vivacidade, mas prefiro-lhe a Grande-Duchesse (fl. 131).

Agora um entreacto não vem fora de propósito, e demais já é tarde. Adeus! Até amanhã!

14 [de Fevereiro] — Que terrível desmoronamento houve no Porto! Deus queira que a bella ponte pênsil não venha a soffrer em sua segurança!

Já cacei bastante quando adolescente e attirava menos mal ás narcejas. Mas agora estou certo de que faria *bredouille* como dizem os francezes. Comtudo com Vocês eu ainda escopetearia um pouco; mas propriamente para passearmos por estes bosques. Aqui não verião formosos castellos mas também não os entristecerião ruinas como as de S. Clow. Lá estive na minha primeira viagem, e na segunda vi em Athenas o original da celebrada lanterna chamada de Diogenes, mas que na Grécia é conhecida por monumento de Lyacra-tes [?]. [fl. 13 v.]. Se estivéssemos em Compiègne creio que fazia ver a Vocês o interessante castello ed Pierrefonds <sup>46</sup> tão inteligentemente restaurado por Viollet-le-duc, em cuja companhia visitei, e o interior do palácio de Compiègne onde ha o curiosissimo museu cambodgiano, de que é conservador Mr. Delaporte que conheci pela primeira vez desenhando elle as ruinas do templo d'Edfú no Alto Egypto quando eu as visitava, e muitas outras cousas interessantes, entre as quaes indicarei a bibliotheca rica de preciosidades litterarias. Com effeito tu has de sentir differença na tua vida de Portugal, e eu aqui?!

Mas desde que estive na pittoresca cartuxa de Grenoble eriçada de penhascos cobertos de pinheiros ponteagudos como os capuzes dos frades rosando em voz soturna, sob abobed-adas apenas aluminadas, quazi que me apaixonei pela vida solitária. Que remédio! [fl. 14]

<sup>45</sup> Eugenia Maria de Montijo de Guzman, condessa de Teba, casada com Napoleão III e imperatriz dos francezes de 1853 a 1870. Nasceu em 1826 e faleceu em 1925.

<sup>46</sup> Castelo construído a partir dos fins do séc. XIV e desmantelado em 1617. As ruínas foram compradas por Napoleão Bonaparte e, em 1857, Napoleão III encarregou Eugénio Emanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) de o restaurar.

Ainda tenho boa memória sobretudo para os amigos; porem não me recordo da palavra que dizes não ser do meu gosto a propósito da *fallarite* do Landgrave do Hesse. D'essa molestia estou quazi que perservado, mas quando encontro companheiros como Vocês desforro de meu silencio, conforme dizem succede aos cartuxos que só tem permissão de falar poucas horas em cada semana. Entretanto voa vivendo de minha imaginação, e, como acertadamente dizes, *des ressources que l'on trouve en soi-même*.

O mesmo succedeu na minha segunda viagem quando de França cheguei a Madrid. Corri logo à galeria de bellas-artes que nunca achei ter visto de mais. Á minha primeira viagem foi o inverso e Madrid com seu movimento da Puenta-del-Sol e de la Fuente Castellana encantou-me, [fl. 14 v.]. Logo encontrei os oceanistas que já appareceram por aqui, e pouco me agradão e custou-te a achar divertimento para a noite. Também eu não achei aberto o jardim do Retiro quando quiz ouvir musica e o eterno vae-vem para Fuente-Castellana e voltando d'esta aborreceu-me sobretudo pela abundância de certas *maquillés* que sempre me enjoarão. E a propósito direi relativamente à tua reflexão sobre encontros que às vezes se fazem nos corredores dos theatros de Paris que felizmente sempre trouxe commigo um bom antídoto — a imaginação vivamente occupada. Todavia não contesto que é às vezes mau tomar ao serio certos impulsos naturaes. Por isso também pareço concentrado menos aos amigos do peito. Mas voltemos à agitação [fl. 15] da viagem que tanto bem me faz.

Tive occasião de conversar com Silveira que decerto te agradaria, e fiquei conhecendo muitos outros hispanhoes cujos nomes sinto não ler amiudadamente nas folhas publicas.

Não me esqueci dos quadros de Sanchez Coello<sup>47</sup> de que parece-me existe um belíssimo no Escorial, que não sei se nossa Elise já visitou, e estranho que não me fallasses de Alonso Cano<sup>48</sup>, o Miguel-Angelo de Hispanha.

Já te escrevi sobre o descarrilhamento que felizmente só demorou o resto de tua viagem que tão curta foi para mim, pois que a leitura do teu diário e esta conversa com amigos de quem sou tão amigo erão meus quazi agradáveis momentos de ausência, digo quazi porque sei o que é ter saudades e querer-lhes bem.

Muito mais teria que escrever, porque quando o faço a amigos, e só deixar correr [fl. 15 v.] a pena, que voa, para assim dizer, até onde elles pensão em mim; porem eu sou correspondente assiduo, e infelizmente que lhes posso mandar um livro apenas escripto como eu lhes fallaria. Peço-lhes que não leião estas paginas d'uma assentada, e as reservem para as horas que passarem juntos. Custa-me muito, muito a passar a outro assumpto, mas eu também vivo aqui.

Como verão dos diários a situação politica tem me dado que pensar mas ainda mais a financeira que aliás tem sido muito exagerada por falta de exame e interesses partidários. Espero que tudo melhorará brevemente, como as noticias do Norte são menos afflictivas. Peço-te que sempre que desejes formar tua opinião sobre qualquer successo de aqui me interrogues a tal respeito [fl. 16].

Amanhã parte esta carta, não escrevendo eu a Elise porque, alem de muito atarefado a epistola lambem é para ella, e antes de fechar a minha correspondência talvez ainda acrescente alguma coisa, pois que nunca me falta que dizer-lhes.

---

<sup>47</sup> Alonso Sanchez Coello (1532-1588), pintor espanhol. Foi retratista de Filipe II e trabalhou no Escorial.

<sup>48</sup> Alonso Cano (1601-1667), escultor, pintor e architecto espanhol.

Adeus! Queria ainda fallar na promessa; porem confio em tua amizade. Lembranças a todos os teus, e ainda este abraço do

Teu  
Pedro

15 [*de* Fevereiro]

Já olhei um pouco para a estatua da *Saudade*.

Vocês sabem o que isto quer dizer. Adeus! Esta parte—assim não fosse só — as 3! Adeus! [fl. 16 v.].

Considera-me  
 de 29 de Janeiro  
 Fevereiro 10  
 ao visado  
 D. Pedro II  
 da Imperatriz  
 em Paris

Lisboa 13 de Fevereiro de 1874

Fernando

e não é por esquecimento que só agora  
 te escrevo. Com V.ª em respeito de sua  
 saude. Quim me deu poder sempre de  
 fazer por esse modo. Não longo sepa-  
 ração! O teu dia tem sido para mim  
 grande consolação para a vida que lhe cabe  
 mesmo tanto de vez de trabalho  
 horas por dia, e a receber de família  
 que ordinariamente me me distraem  
 sem durante 2 e 3 horas, com a vida  
 em meu próprio que acha vontade de  
 vida. Em L. Christoval como aqui por  
 os me insuaniar por sua amizade  
 cada vez tanto mais saudade dos amigos  
 parentes ou de quem por sua ocupação  
 não podem visitar me deus de vez  
 em grande. e Mas vens a' converso por  
 todo me de tal e de tal e de tal

Fólio 1 da carta de D. Pedro II.

## ÍNDICE DE REFERÊNCIAS

	Fólio
A. Dumas, Filho	9
Abu-Simbel	1 V.
Aclimação, Jardim da	6
Albertina, Biblioteca	12 v.
Alba, Duque de	12 v.
Alexandra — Palace	11 V.
Antonia	10
Appleton	6v.
Ásia	8v.
Athenas	13 v.
Athenienses	2v.
Augusto	11
Barye	8v.
Berlim	7v.
Bom Retiro	4
Boucher	5
Brasso	8v.
Brazil	8,11, 12
Brighton	7v.
Broca	3v.
Bruxelas	9v.
Campanile	1 V.
Cano, Alonso	15 v.
Carlos Magno	4v.
Carola	7
Carlsbad	13
Cintra	3
Compiègne	14
Convento da Cortiça	3
Conservatoire des arts et des métiers	13
Conservatório de Música de Paris	7v.
Constantin James (?)	3v.
Corneille	5 v.
Croisette	5 v.
Darwin	3 v., 4 v
Delaporte	14

	Fólio
Desclées	10
Diógenes	13 v.
Dona Sol	5,5v.
Doré	5v.
Edfú, templo de...	14
Egypto	4, 11 v.
Elise	3 v., 6v., 8. 16 v
Ennius	2
Escurial, Palácio do	15 v.
Eugénia, Ex-Imperatriz	12 v.
Fausto	10 v.
Filipe	10 v.
França	14 v.
Français, Théâtre des...	10
Frémiet	8v.
Fuente-Castelhaña	15
Gaité	13
Garriladoni i?I	11
General Pinto	7
Giotto	1v.
Gounod	11
Goya	2
Grenolbe	14
Gymnase, Théâtre de...	10
Ham	5
Hernâni	5v.
Horaces, les	5v.
Hugo, Victor	5v.
Igreja dos Marechais de França	4v.
Invalides, Hotel des	11v.
Inválidos	4v.
Jardin-des- Plantes	4
Japão	4
Joanna d'Arc	8
Joinville	10
Lady Amherst	9
Landgrave de Hesse	14 v.
Lecocq	7v.
Lisboa	6v.

	Fólio
Liverpool	11 v.
Londres	2v., 11, Hv.
Longfellow	6v.
Luxemburgo, Jardim do.	6
Lyacrates i?I	14
Khalifas	1 v.
Madeleine, Igreja da...	7
Madrid	2, 10,14 v.
Margaritas	2
Meissonier	8v.
Mendelsohn	7v.
Mendes Leal	1 v.
Mignon	10 v.
Mississippi	9v.
Molins, Marquez de	10
Morceau, Parque	6
Morton	5v.
Mounet-Sully	5v.
Musset	5
Napoleão	5
Napoleão 1.º	4v.
Napoléon le petit	5
Nápoles	7v.
Nevac [?]	6
Newport	6v.
Nilson	10v.
Novgorod	8v.
Occidente	8v.
Odéon, Théâtre de	10
Offenbach	7v.
Orphée aux enfers	13
Othelo	10 v.
Parc de S. Martin	9v.
Paris	6, 6v.,7, 8v., 10, 11,12v.
Parisienses	2v.
Passant	5
Pena, Castelo da...	6v.
Pergolese	7
Pesaro	11 v.
Petropolis	1
Philadelphia	2

	Fólio
Philadelphia, Universidade de...	3v.
Pierrefonds	14
Plantas, Jardim das...	6
Pompadour, M.me	2v.
Porto	13 v.
Portugal	14
Princesse Georges	10
Prussia	3
Puenta-del-Sol	14
Retzius	3v.
Revue Anthropologique	3v.
Retiro, Jardim do	15
Rio (de Janeiro)	4,6,11,12, 12v
Rio Grande do Sul	12
Roi Carotte (Le)	13
Rossini	7
Sanchez Coello	15 v.
Santo António de la Florida, Igreja de...	2
São Christovão	1
São Clow	13 v.
São Francisco	9v.
São Petersburgo	2v.
Sesostris	1v.
Silveira	15 v.
Sonho de uma noite de verão	7v.
Stabat de Pergolese	7
Stockolmo	2v. , 3v., 10v.
Suécia	2, 10v.
Thiers	2v.
Thomas, Ambroise	10 v.
Topinard	3v.
Tussaud, M.me...	2v.
Vaudeville, Théâtre de	7
Versailles, Palácio de	2v.
Ville, G.	4
Viollet-le-duc	14
Volga	8v.
Washington	8
Wilhelm Meister	10 v.
Wolverhampton	11 V.